

Graphos

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB

VOL. 19, Nº 3

2017

Universidade Federal da Paraíba

Reitora

Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz

Programa de Pós-Graduação em Letras Coordenadora

Ana Cristina Marinho Lúcio

Revista Graphos

Editores-Chefes

Marta Pragana Dantas

Roberto Carlos de Assis

Organizadores do Dossiê

UTOPIAS MEDIEVAIS

Luciana Eleonora de F. Calado Deplagne (UFPB)

Luciano José Vianna (UPE)

Conselho Editorial

Aloísio Dantas (UFCG, Brasil)

Cristina Mello (Universidade de Coimbra, Portugal)

Ester Míriam Scarpa (UNICAMP, Brasil)

Genilda Azerêdo (UFPB, Brasil)

Gentil Luís de Faria (UNESP - Rio Preto, Brasil)

Juan Antônio Lopes Ferez (UNED, Espanha)

Laura Beard (University of Alberta, Canada)

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB, Brasil)

Luiz Antonio Mousinho Magalhães (UFPB, Brasil)

Maria da Gloria Bordini (PUC - RS, Brasil)

Maria do Rosário Gregolin (UNESP - Araraquara, Brasil)

Maria do Socorro Aragão (UFC, Brasil)

Maria Nazaré Soares Fonseca (UFMG, Brasil)

Peggy Sharpe (Florida State University, EUA)

Rita Terezinha Schmidt (UFRGS, Brasil)

Valdir Flores (UFRGS, Brasil)

Pareceristas *ad hoc*

Aldinida Medeiros (UEPB, Brasil)

Ana Miriam Wuensch (UnB, Brasil)

Cláudia Brochado (UnB, Brasil)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa, Portugal)

Karine Rocha (UFPE, Brasil)

Ria Lemaire (Université de Poitiers, França)

Suelma de Souza Moraes (UFPB, Brasil)

2017

Apresentação

O último número da Revista Graphos deste ano reúne textos produzidos para o IV Seminário de Estudos Medievais na Paraíba, evento organizado pelo Grupo Interdisciplinar de Estudos Medievais(CNPq/UFPB) que teve por tema **Utopias medievais**.

O cenário sombrio, de instabilidade política, retrocessos sociais e ameaça à liberdade, em que a humanidade se encontra nessa segunda década do século XXI, nos apela a pensarmos um outro projeto de sociedade, com mais justiça, humanidade e paz. Para se buscar alternativas possíveis aos desafios atuais, acreditamos na importância de refletirmos sobre crises anteriores e os diversos pensamentos utópicos que alimentaram os sonhos da humanidade ao longo da História da humanidade e que se tornaram motores de transformação social em determinadas épocas.

Apesar do termo utopia, como sabemos, ter sido criado no início da considerada Idade Moderna, pelo inglês Thomas More, o fenômeno utópico sempre acompanhou as sociedades humanas em cada período histórico, como apontam estudos mais recentes sobre utopia em termos mais amplos. O medievalista Hilário Franco Júnior é um dos principais estudiosos que se debruçaram sobre o tema. Em sua obra *As Utopias medievais*, publicada em 1992, Franco Júnior examinou algumas elaborações utópicas oriundas do período medieval: a utopia da abundância – a Cocanha; a utopia da Justiça – o Milênio; a utopia do sexo – a androginia; a utopia matriz – o paraíso. Inspiradas nesta obra do medievalista brasileiro a quarta edição do Seminário se propôs a pensar a elaboração de outros quatro fenômenos utópicos em alguns segmentos da sociedade medieval, a partir dos seguintes eixos temáticos: Utopia do amor - Fin' Amors; Utopia da autonomia - As beguinhas, Utopia da *querelle des femmes* - A Cidade das Damas; Utopia e Novelas de cavalaria.

O presente número está organizado em duas seções: a primeira corresponde ao Dossiê **Utopias medievais**, reunindo artigos que se propuseram a pensar o fenômeno utópico, especialmente na Idade Média. Alguns artigos abordam, porém, a manifestação do pensamento utópico medieval em diálogo com outros períodos históricos, seja também anterior à criação do termo Utopia, como a Antiguidade, seja em séculos seguintes ao medieval, incluídos pelo medievalista Le Goff, na chamada “Longa Idade Média”, período que por alguns aspectos perdurou bem além do marco oficial do século XV. A segunda seção reúne textos com temáticas livres voltadas à Literatura Medieval.

Iniciamos a apresentação do dossiê com o artigo de **Hilário Franco Júnior**, intitulado *Nos confins do mundo, na vizinhança do Paraíso: a utopia monástica*. Nele, o medievalista

aborda a perspectiva utópica presente no mundo medieval, apresentando precisamente o monasticismo, em sua versão cenobítica. O autor reconstrói as diversas características da vida cenobítica, com suas práticas, costumes e representações, a qual, para Hilário Franco Júnior, representava uma utopia, com o jardim claustral sendo “o símbolo da ordem monástica e cosmológica” (...) “a metáfora mais difundida do Éden”. Neste sentido, apresenta a vida cenobítica tendo como centro o mosteiro, este “lugar nenhum utópico”, isolado da civilização, que servia como *locus* de elevação espiritual para os monges, homens virtuosos, com suas cores, músicas, iconografia e, principalmente, uma vida regulamentada, como fizera Tomás More séculos depois.

O artigo *Paraíso e Utopia: a obra Visions of the Knight Toldal (1475) em contraponto com as distopias futuristas*, escrito por **Adriana Zierer**, apresenta uma reflexão sobre a obra *Les Visions du Chevalier Tondal*, produzida na França no século XV, uma narrativa medieval ao Além-Túmulo, com o objetivo de “compreender o que os medievos entendiam por utopia e também realizar uma reflexão sobre a nossa própria sociedade”. Em um primeiro momento, a autora realiza uma breve reflexão sobre o conceito de utopia e apresenta algumas obras nas quais são refletidas a imaginação de locais e sociedades ideais, para a seguir trabalhar com obras contemporâneas que refletem as *distopias*. Após realizar estas análises introdutórias, Zierer analisa a obra mencionada, abordando não somente a narrativa, mas também as iluminuras presentes na obra, destacando que tais reflexões nos auxiliam “a compreender os espaços utópicos desejados pelos medievos, cujo principal elemento era estar próximo de Deus e ir para um bom lugar após a morte: o Paraíso Celeste”.

O texto *Minnesanger – La guerra e l’utopia dell’amor*, de autoria do pesquisador italiano **Claudio Lanzi**, tem como foco central a filosofia do amor cortês, buscando especificar traços de particularização que a definem, confrontando-a com elementos de aproximação e de distanciamento de outras manifestações de amor do medievo, como o cultuado na mística erótica ou ainda aqueles presentes na corte bizantina do Império do Ocidente ou no mundo islâmico. Além de propor um passeio histórico pelas diversas figuras célebres do movimento trovadoresco, tais como Alfonso, o sábio, Frederico II da Suábia, Brunetto Latini, Dante Alighieri, o autor apresenta um série de exemplos da representação da Minne (Amor cortês) na Lírica trovadoresca em diálogo com iluminuras medievais. As ilustrações que acompanham a análise são pertencentes ao Codex Manesse, cancionero alemão ricamente decorado com mais de cem iluminuras, representando os autores das canções de amor, chamados *minnesänger*, em cenas de batalha, de apresentação musical e de corte amorosa.

Merlim, de Robert de Boron, e a *Demanda do Santo Graal* são as obras analisadas por **André de Sena** no artigo *Utopias medievais e Merlim cristianizado*. Neste artigo, o autor analisa um personagem vinculado às perspectivas pré-cristãs que “se modifica em herói da cristandade através da plasmação de importantes utopias”, sugerindo novas abordagens teóricas e crítico-literárias para a análise das mesmas. É importante destacar a atenção dada pelo autor aos conceitos de *miracula* e *mirabilia*, através (e a partir) dos quais o imaginário cristão se fez presente em tais obras.

O artigo seguinte traz como exemplo do pensamento utópico uma das mais importantes obras da Antiguidade, a *República* de Platão. **Marco Valério Classe Colonnelli**, com o artigo *O lugar da utopia na República de Platão: o mito da caverna*, aborda os limites da adjetivação do termo “utopia” na *República* de Platão. Ao analisar os diálogos presentes nesta obra, o autor destaca três aspectos, os quais são a construção do conceito de justiça, a construção de uma cidade ideal, mas não irreal, e o uso do mito. Para o autor, o termo utopia, no caso da *República*, “pode ser bem empregado quando se referir ao projeto político inovador e como sistema concreto realizável, mas não a um projeto apenas idealizado sem possibilidades de realização.”

Em uma perspectiva dialógica, os três artigos que seguem relacionam certos aspectos de utopias medievais com manifestações posteriores pertencentes a contextos diversos. Em *Utopia, Distopia e a insatisfação com a realidade em A Cidade das Damas de Christine de Pizan e O último homem, de Mary Shelley*, **Janile Pequeno Soares** analisa duas obras de autoria feminina: uma escrita na Idade Média e considerada a primeira obra utópica escrita por uma mulher, e a segunda obra, publicada em 1826, seria uma precursora da visão pós-apocalíptica/distópica. As obras são postas em paralelo e analisadas pelo pioneirismo e importância das duas escritoras Christine de Pizan e Mary Shelley em seus contextos literários. Como elemento central de análise, Soares aponta para dois aspectos que unem os termos utopia e distopia e suas representações nas obras das autoras: a esperança e a insatisfação com a realidade presente.

O penúltimo artigo do dossiê, *Utopia literária espanhola; cronologia de uma fuga*, de autoria de **Juan Ignacio Jurado-Centurión**, propõe visitar alguns autores da Literatura espanhola, da Idade Média à contemporaneidade, que construíram suas obras a partir de um viés utópico, sem que sejam identificados como utopistas. Segundo Jurado-Centurión, a privilegiada visão dos escritores mencionados, “[...] afastada de condicionamentos e veladas censuras lhes permitiu imaginar um mundo melhor, uma idealização que permitisse, em diferentes âmbitos, uma sociedade mais justa, menos materialista e mais espiritualista ou mais pacifista e menos belicosa”. O *Códice das sete partidas* de Alfonso X, no século XIII, *Libro*

áureo de Marco Aurelio (1528), de Antonio de Guevara e *San Manuel Bueno Mártir*, de Miguel de Unamuno, são algumas das obras analisadas.

Por fim, o artigo *Imagens da utopia medieval na construção do imaginário americano*, escrito por **Juan Pablo Martín Rodrigues**, fecha o dossiê apresentando uma reflexão sobre a importância das utopias medievais no imaginário americano na sua construção. Rodrigues toma como fio condutor de sua análise as quatro representações utópicas, correspondentes aos desejos e carências da época, propostas pelo medievalista Hilário Franco Júnior na sua obra *Utopias medievais*, e traça um paralelo “con las variadas utopías americanas que perseguían los aventureros europeos, desde el país de Jauja hasta Eldorado, desde la Ciudad de los Césares hasta los dominios de las andróginas (y cautivadoras) Amazonas”. Segundo o pesquisador, “la utopía es el espacio secante entre las esferas imagética, política y del deseo. Imaginar es osar establecer conexiones inesperadas, proponer imágenes que, por tanto, critican el statu quo.”

Na seção de artigos com temáticas livres, foram agrupados cinco textos apresentados em mesas-redondas ou conferência. O primeiro artigo da seção, *Beatriz de Nazaré (1200-1268) e Os sete modos do amor*, de autoria de **Maria Simone Marinho Nogueira**, traz uma reflexão sobre a mística feminina medieval, desenvolvida na Baixa Idade Média, tendo como objeto de análise a vida e obra da “trovadora de Deus”, Beatriz de Nazaré. O artigo se propõe a apresentar a experiência do desejo revelada na obra da pensadora holandesa. Em *Os sete modos do amor*, a mística narra a “experiência absoluta do Amor (*Minne*) que, por sua vez, exige um desnudamento absoluto da alma (amante) que busca Deus (Amor), constituindo-se todos os sete modos do percurso da alma numa verdadeira ascese do desejo”.

O artigo seguinte trata de outra obra medieval produzida por uma mulher. Dessa vez, um tratado de saúde feminina escrito no século XI por uma médica de Salerno. Em *Mil anos depois: notas sobre a tradução para o português brasileiro do tratado de medicina para as mulheres de Trotula di Ruggiero (séc. XI)*, as autoras **Karine Simoni** e **Luciana Calado Deplagne** anunciam a publicação da primeira tradução para o português da obra *De passionibus mulierum ante in et post partum*, e *De ornatu mulierum* de Trotula. O artigo se divide em duas partes: primeiramente são apresentadas a vida e obra da autora, em seguida procede-se aos comentários da tradução. O artigo evidencia a importância do papel da tradução na desconstrução de estereótipos sobre o período medieval, muito tempo associado a uma era de trevas, ou à “Idade dos Homens”.

Os três artigos que seguem tratam da permanência de elementos do medievo na cultura moderna e contemporânea. **Luciano José Vianna**, por exemplo, analisa algumas crônicas do século XVI, tanto do âmbito português quanto do âmbito castelhano, compostas a partir da experiência do homem europeu medieval com o território americano no artigo *Os objetos historiográficos do século XVI: entre o passado medieval e uma nova realidade*. Ao analisar esta documentação, o autor se propõe não somente a compreender as relações do homem com o espaço e o tempo relacionados a este período histórico, mas também a observar este contexto histórico de forma mais ampla a partir da experiência europeia. A partir do conceito de “tradução cultural”, destacado por Peter Burke, ou seja, a tradução de uma cultura através da interpretação com base em conhecimentos advindos de uma bagagem cultural já existente, o autor destaca alguns aspectos presentes na documentação, tais como a mentalidade bélica e cristã, a oposição social e a escrita da História.

A pesquisadora **Conceição Flores**, autora do artigo *Neta(s) de D. Dinis”: Fiana Hasse Pais Brandão, Maria Teresa Horta, Myriam Coeli e Natália Correia*, propõe uma leitura de textos de poetisas contemporâneas de língua portuguesa, estabelecendo relações dialógicas entre as cantigas trovadorescas e as novas cantigas de amigo, compostas por Maria Teresa Horta (1937), Fiana Hasse Pais Brandão (1938-2007), Myriam Coeli (1926-1982) e Natália Correia (1923-1993). Flores divide seu artigo em dois momentos: “Os fundamentos”, onde ela traz alguns exemplos da modalidade “cantiga de amigo” e sua caracterização; em seguida, “Novos cantares de amigo”, em que a autora analisa poemas das quatro neotrovadoras mencionadas.

Encerramos a seção com a proposta de **Roberto Pontes** de que *O medievo está aqui*, título do seu artigo. Com intuito de render homenagem ao músico, escritor e pesquisador catalão Luis Soler, Pontes apresenta um pouco da trajetória de vida e produção intelectual do autor, através do olhar de Ariano Suassuna bem como do depoimento do próprio autor no prefácio da obra *As raízes árabes na tradição poético-musical do sertão nordestino*. Fundamentado na Teoria da Residualidade, o artigo enfatiza a contribuição da cultura árabe legada à Península Ibérica, e sua permanência na cultura brasileira, em especial no sertão nordestino. Para Pontes, a obra de Soler “foi capaz de demonstrar como e por que, através dos árabes (e por seu rigoroso trabalho de pesquisa e síntese) o medievo está aqui, no Nordeste deste nosso Brasil”.

O conjunto de artigos aqui apresentados constitui uma amostra das principais questões postas em debate durante os três dias do evento. As reflexões interdisciplinares trazidas a lume por pesquisadores e pesquisadoras de diversas instituições, caracterizadas, por um lado, pela diversidade temática e perspectivas epistemológicas, unem-se, por outro, no anseio de desconstrução dos conceitos cristalizados sobre a era medieval, a partir de inquietações em

torno de questões fundamentais que envolvem os atuais estudos sobre Idade Média. A escolha do tema Utopias Medievais para comemorar o décimo aniversário do grupo, além de prestar homenagem ao medievalista Hilário Franco Júnior, pela sua contribuição aos estudos medievais no Brasil, foi motivada por uma das principais preocupações do Grupo: o emprego de novas abordagens e de novas fontes de pesquisa, anteriormente desprezadas ou desconhecidas pelos/as estudiosos/as do medievo. Tarefa, a nosso ver, cumprida. O imaginário de Era das Trevas, relacionado ao medievo, vem, a cada ano, cedendo espaço à representação de uma outra Idade Média, mais conhecida doravante por suas transgressões e Utopias.

O sonho por um mundo de justiça, paz, autonomia e abundância não ficou no passado; as Utopias medievais permanecem em nosso imaginário, reinventadas e traduzidas em atuais aspirações. E assim sejam!

Boa leitura!

Luciana Eleonora de F. Calado Deplagne

Luciano José Vianna

João Pessoa, dezembro de 2017